

O que se pode inventar

Hans Christian Andersen

Edição 1.0.0 · Português brasileiro

Havia um jovem que estudava para ser poeta; queria sê-lo até a Páscoa, casar-se e viver de poesia, e isso, sabia ele, era só inventar, mas ele não conseguia inventar. Nascera tarde demais, tudo já tinha sido aproveitado antes de ele vir ao mundo, sobre tudo já se havia feito poesia e escrito.

— Felizes os que nasceram há mil anos! — dizia ele. — Bem podiam tornar-se imortais! Feliz até quem nasceu há cem anos, quando ainda havia alguma coisa sobre a qual fazer poesia; agora já fizeram poesia do mundo inteiro, o que posso acrescentar com meus versos?

De tanto pensar nisso, ficou doente e abatido, o pobre homem; nenhum médico podia ajudá-lo, mas talvez a mulher sábia pudesse. Ela morava na casinha junto à porteira do campo, que abria para quem passava de carro ou a cavalo; sabia abrir bem mais do que a porteira, era mais sábia que o médico que anda em sua própria carruagem e paga o imposto de categoria.

— Preciso ir vê-la! — disse o jovem.

A casa onde ela morava era pequena e asseada, mas sem graça de se ver; não havia uma árvore, nem uma flor; diante da porta havia uma colmeia, muito útil! Havia uma pequena plantação de batatas, muito útil! E uma vala com abrunheiros que já tinham perdido as flores e dado frutos, daqueles que fazem a boca se contrair quando provados antes de receberem a geada.

“É exatamente a nossa época sem poesia que vejo aqui!”, pensou o jovem, e ao menos era um pensamento, uma pepita de ouro que encontrara à porta da mulher sábia.

— Anote isso! — disse ela. — Migalhas também são pão! Sei por que você veio; não consegue inventar e, mesmo assim, quer ser poeta até a Páscoa!

— Tudo já foi escrito! — disse ele. — Nosso tempo não é como os tempos antigos!

— Não! — disse a mulher. — Nos tempos antigos queimavam as mulheres sábias, e os poetas andavam de barriga vazia e com furos nos cotovelos. O tempo é bom, é o melhor de todos! Mas você não enxerga direito a questão, não aguçou o ouvido e certamente nunca reza seu Pai-Nosso à noite. Aqui há, de todos os modos, coisas de sobra sobre as quais fazer poesia e contar histórias, quando se sabe contar. Você pode lê-las nas plantas e nas colheitas da terra, tirá-las das águas correntes e das paradas, mas precisa compreender, compreender como apanhar um raio de sol. Experimente meus óculos, ponha minha corneta acústica no ouvido, reze a Nosso Senhor e deixe de pensar em si mesmo!

Esta última coisa era muito difícil, mais do que uma mulher sábia pode exigir.

Ele recebeu os óculos e a corneta acústica e foi colocado no meio da plantação de batatas; ela lhe pôs na mão uma grande batata; nela soou alguma coisa, veio uma canção com palavras, a história das batatas, interessante — uma história cotidiana em dez partes, dez linhas bastavam.

E o que cantou a batata?

Cantou sobre si e sua família: a chegada das batatas à Europa, a incompreensão que tinham enfrentado e sofrido antes de serem reconhecidas, como agora, como uma bênção maior que uma pepita de ouro.

— Por ordem real, fomos distribuídas nas prefeituras de todas as cidades; anunciaram nossa grande importância, mas não acreditaram nela, nem sequer entenderam como nos plantar. Um cavou um buraco e jogou lá dentro todo o seu alqueire de batatas; outro enfiou uma batata aqui, outra ali, na terra, e esperou que ela brotasse como uma árvore inteira, da qual se pudessem sacudir batatas. Veio crescimento, flores, frutos cheios de água, mas tudo murchou. Ninguém pensou no que estava lá no fundo, a bênção: as batatas. Sim, enfrentamos e sofremos, isto é, nossos antepassados, eles e nós, dá tudo no mesmo! Que histórias!

— Sim, por enquanto basta! — disse a mulher. — Observe os abrunheiros!

— Nós também — disseram os abrunheiros — temos parentes próximos na terra natal das batatas, mais ao norte de onde elas cresciam. Vieram noruegueses da Noruega, navegaram para o oeste através de nevoeiros e tempestades até uma terra desconhecida, onde, por trás do gelo e da neve, encontraram ervas e verdura, arbustos com os frutos negros e azulados da videira: abrunheiros; a geada os amadurecia em uvas, como acontece conosco. E a terra recebeu o nome de “Vinland, isto é, Groenlândia, isto é, Terra dos Abrunhos!”

— É toda uma narrativa romântica! — disse o jovem.

— Sim, venha agora! — disse a mulher sábia, e o levou até a colmeia. Ele olhou lá dentro. Que vida e movimento! Havia abelhas em todos os corredores, abanando as asas para que houvesse uma corrente de ar saudável por toda a grande fábrica; essa era sua tarefa; agora vinham de fora abelhas

nascidas com cestos nas pernas, traziam pólen, que era sacudido, separado e transformado em mel e cera; elas vinham, voavam; a rainha também queria voar, mas então todas teriam de ir com ela; ainda não era a hora; mesmo assim ela queria voar; então arrancaram com mordidas as asas de Sua Majestade, e ela teve de ficar.

— Suba agora à beira da vala! — disse a mulher sábia. — Venha olhar a estrada, onde se pode ver gente!

— Que multidão fervilhante! — disse o jovem. — História após história! Tudo gira e zumbe! Tudo fica tão confuso! Vou cair para trás!

— Não, vá para a frente! — disse a mulher. — Entre na multidão, tenha olhos para ela, ouvidos para ela e ponha também o coração! Logo você saberá inventar! Mas, antes que vá, preciso dos meus óculos e da minha corneta acústica!

E tomou de volta as duas coisas.

— Agora não vejo absolutamente nada! — disse o jovem. — Agora não ouço mais!

— Pois então você não pode ser poeta até a Páscoa! — disse a mulher sábia.

— Mas quando, então? — perguntou ele.

— Nem na Páscoa nem em Pentecostes! Você não aprende a inventar.

— Que devo fazer, então, para ganhar a vida com a poesia?

— Isso você já pode conseguir no Carnaval! Derrube os poetas do barril! Bata nos escritos deles, isso é bater neles próprios. Não se deixe intimidar; bata

sem parar, e ganhará pãozinhos com que poderá alimentar tanto a si mesmo quanto sua mulher!

— O que se pode inventar! — disse o jovem, e então passou a derrubar do barril todos os outros poetas, já que ele próprio não podia tornar-se poeta.

Foi a mulher sábia que nos contou isso; ela sabe o que se pode inventar.

Texto e edição: As Verdadeiras Histórias

Tradução: Codex · tradução assistida por IA

Revisão: Codex · revisão independente por IA

Produção: Bons Filhos Educação

<https://verdadeirashistorias.com.br/contos/o-que-se-pode-inventar>